

JORGE AMADO
NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM

APONTAMENTOS PARA UM LIVRO
DE MEMÓRIAS QUE JAMAIS ESCREVEREI



Posfácio de Lêdo Ivo

Copyright © 2012 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1992

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Bete Capinan

Imagens de capa Hildegard Rosenthal/ Acervo Instituto Moreira Salles

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Índice onomástico Luciano Marchiori

Preparação Leny Cordeiro

Revisão Valquíria Della Pozza e Huendel Viana

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

Navegação de cabotagem : apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei / Jorge Amado ; posfácio de Lêdo Ivo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2077-2

1. Amado, Jorge, 1912-2001 2. Escritores brasileiros - Biografia I. Ivo, Lêdo. II. Título.

12-02473

CDL-869.98

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Vida e obra : Literatura brasileira 869.98

Diagramação Denise Matsumoto/

Máquina Estúdio

Papel Pólen Soft

Impressão e acabamento RR Donnelley

[2012]

Todos os direitos desta edição
reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



Moscou, 1952.

OS DESMEMORIADOS

ILYA EHRENBURG E EU CHEGAMOS SILENCIOSOS de uma conversa com figuras gradas nos altos escalões a propósito de nosso amigo Jan Drda,¹ atendendo pedido que ele me fez em Praga de onde venho para receber o Prêmio Internacional Stálin da Paz: o prêmio me credencia. Estamos em janeiro de 1952, vinte graus abaixo de zero, vento gélido varre as ruas de Moscou, emborcamos os cálices de vodca no apartamento da rua Górkí, Ilya me diz: “Jorge, somos escritores que jamais poderemos escrever memórias, sabemos demais”. No abalo da conversa que acabamos de ter, balanço a cabeça concordando.

Afirmção categórica, não impediu que, alguns anos depois, durante o período de Khruschov, ao se abrir uma brecha no obscurantismo soviético, ao despontar de uma pequena luz no meio das trevas, o autor de *Degelo* publicasse sete tomos de memórias, sete, nada menos: no sétimo Zélia e eu figuramos, simpáticos personagens. E isso não é tudo, pois Irina² me contou, em 1988, estar pondo em ordem os papéis do pai com o fim de editar vários volumes de memórias inéditas que ele não conseguiu publicar sequer durante a abertura de Khruschov: Ilya sabia demais.

Durante minha trajetória de escritor e cidadão tive conhecimento de fatos, causas e consequências, sobre os quais prometi guardar segredo, manter reserva. Deles soube devido à circunstância de militar em partido político que se propunha mudar a face da sociedade, agia na clandestinida-

1 Jan Drda, escritor tcheco.

2 Irina Ehrenburg, filha de Ilya.

de, desenvolvendo inclusive ações subversivas. Tantos anos depois de ter deixado de ser militante do Partido Comunista, ainda hoje quando a ideologia marxista-leninista que determinava a atividade do Partido se esvazia e fenece, quando o universo do socialismo real chega a seu triste fim, ainda hoje não me sinto desligado do compromisso assumido de não revelar informações a que tive acesso por ser militante comunista. Mesmo que a confiança não mais possua qualquer importância e não traga consequência alguma, mesmo assim não me sinto no direito de alardear o que me foi revelado em confiança. Se por vezes as recorro, sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo.

Nova York, 1986.

OS APRESSADOS

DEPOIS DE UMA SEMANA DE CAMA com pneumonia — o que me consolava era ver Zélia no mesmo leito com febre alta, lavada em suor, isto sim é solidariedade! —, desço pela primeira vez ao hall do hotel em Nova York onde me espera um jornalista de *El País*, de Madri.

Inverno rigoroso, o Central Park está gelado, o termômetro acusa quatorze graus negativos, o Congresso Internacional do Pen Club vem de terminar sem que a ele tenhamos comparecido uma vez sequer, o hotel está lotado de congressistas vindos de cerca de quarenta países. Envoltos no sobretudo de gola levantada, preocupo-me em passar despercebido, no desejo de evitar explicações e lamúrias.

Ao sair do elevador, avisto Mario Soldati, que apressado se dirige para a cabine: também ele me viu, tenho certeza. Finjo que não o vejo, ele finge que não me vê, passamos um pelo outro, lado a lado, como se não nos conhecêssemos.

No dia seguinte, sem pressa, descontraídos, sentados nas poltronas do vestibulo, conversamos *à bâton rompus*, na rua o frio, o vento, a neve. Somos velhos amigos, leitores um do outro, sua narrativa (*Le festin du commandeur, L'ami jesuite*) parece-me da melhor ficção contemporânea, ademais Soldati presidiu o júri do Prêmio Internacional Nonino que me foi conferido em 1984. Mais do que um prêmio, uma festa italiana de confraternização e alegria: polenta, cabrito, pasta — o melhor *fetuccini* que já comi —, vinhos e grapa, a grapa Nonino, é claro. Segundo me informou Soldati, com evidente conhecimento de causa, e eu repeti no pequeno discurso que pronunciei e ninguém

ouviu, barulho ensurdecedor, a grapa Nonino não contente de ser a melhor do mundo é afrodisíaca.

Tenho horror a hospitais, os frios corredores, as salas de espera, antessalas da morte, mais ainda a cemitérios onde as flores perdem o viço, não há flor bonita em campo-santo. Posso, no entanto, um cemitério meu, pessoal, eu o construí e inaugurei há alguns anos quando a vida me amadureceu o sentimento. Nele enterro aqueles que matei, ou seja, aqueles que para mim deixaram de existir, morreram: os que um dia tiveram minha estima e a perderam.

Quando um tipo vai além de todas as medidas e de fato me ofende, já com ele não me aborreço, não fico enojado ou furioso, não brigo, não corto relações, não lhe nego o cumprimento. Enterro-o na vala comum de meu cemitério — nele não existem jazigos de família, túmulos individuais, os mortos jazem em cova rasa, na promiscuidade da salafrarice, do mau-caráter. Para mim o fulano morreu, foi enterrado, faça o que faça já não pode me magoar.

Raros enterros — ainda bem! — de um pérfido, de um perjuro, de um desleal, de alguém que faltou à amizade, traiu o amor, foi por demais interesseiro, falso, hipócrita, arrogante — a impostura e a presunção me ofendem fácil. No pequeno e feio cemitério, sem flores, sem lágrimas, sem um pingo de saudade, apodrecem uns tantos sujeitos, umas poucas mulheres, uns e outras varri da memória, retirei da vida.

Encontro na rua um desses fantasmas, paro a conversar, escuto, correspondo às frases, às saudações, aos elogios, aceito o abraço, o beijo fraterno de Judas. Sigo adiante, o tipo pensa que mais uma vez me enganou, mal sabe ele que está morto e enterrado.

Paris, 1949.

EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

JOÃO JORGE CHEGOU A PARIS COM QUATRO MESES de idade, em língua francesa aprendeu a balbuciar as primeiras palavras, por muitos anos conservou o acento, o erre carregado.

Vasco Prado vinha buscá-lo no hotel, colocava-o no colo, atrás do guidom, lá se ia João na bicicleta do escultor pelas ruas de Paris na primavera: adorava Vasco e a bicicleta.

Adorava também um zazou,¹ namorado de *la bonne* alsaciana que se

1 Zazou — jovem que se distinguia pela paixão pelo jazz e pelos trajas excêntricos, em Paris do pós-guerra.

ocupava dele enquanto Zélia estava nas aulas da Sorbonne ou em tarefas do Partido. No Jardim de Luxemburgo, *bonne* e *zazou* se encontravam, saíam empurrando o carrinho polonês, de madeira: João, nele sentado, os olhos vivos, aprendia a geografia da Rive Gauche.

Não apenas a geografia, pois o passeio se interrompia no *sixième* diante do prédio onde o *zazou* habitava pequeno quarto. O carrinho posto ao lado da cama de solteiro, sob os olhos vivíssimos do menino, o casal percorria os largos caminhos, as estreitas vielas da fornicção, em grande estilo, ao estilo dos existencialistas contestatários da sociedade burguesa. O *zazou* jurava por Sartre, a alsaciana suspirava em alemão, João Jorge aprendia.

Paris, 1991.

FUGA

FUGI DO BRASIL NO MÊS DE AGOSTO PARA NÃO ver Mirabeau Sampaio¹ andar para a morte, sorrindo, a reviver, no adormecimento a que está reduzido, as histórias que amava contar, repetindo-as a qualquer pretexto ou sem pretexto algum, lembrando, emocionando-se, exaltando-se: suma de minha frente senão te mato, seu filho da puta! Quase podemos acompanhar nos sorrisos, nos esgares, nos estremecimentos, os lances da narrativa que nos é familiar, a Carybé e a mim. Das visitas que lhe fazemos, saímos com os olhos úmidos, Zélia em lágrimas. Vou-me embora, não aguento mais, boto distância, deixo a morte do outro lado do oceano.

Mirabeau, o mais antigo dos meus companheiros de aventura, somos amigos desde o ano de 1923, das aulas do sábio padre Torrend, do bronco padre Faria no Colégio Antônio Vieira. Mirabeau ganhava todas as medalhas na festa de fim de ano, as que sobravam iam para Antônio Balbino² ou para Antônio Vieira de Melo,³ no segundo ano ganhei uma, em catecismo, inexplicável engano. Pela vida afora andamos juntos durante quase setenta anos, o que nós fizemos só Deus sabe, se é que sabe.

Certa feita, aí por 1935, em frente ao Tabaris de onde saímos tresnoitados, bêbados, Mirabeau, exibindo um revólver, propôs-me assassinar-mos naquela mesma noite o chefe baiano da Ação Integralista, não tenho ideia de quem seria. Deu-nos trabalho, a mim e a Edgard, desarmá-lo, fazê-lo desistir do projeto político.

1 José Mirabeau Sampaio, escultor e pintor.

2 Antônio Balbino, político, governador da Bahia de 1955 a 1959.

3 Antônio Vieira de Melo, jornalista.

Edgard Rogaciano Ferreira foi seu chofer desde os tempos da rica e tresloucada juventude: o jogo, o tango, a bebida, as argentinas, os carros esporte, as baratinhas, os cabriolés, os primeiros da Bahia. Permaneceu seu chofer inclusive durante os dez anos em que Mirabeau não teve automóvel, cuidava dele como se cuida de um filho ou de um pai, anjo da guarda a protegê-lo nas noites de boemia.

Estendido na cama, Mirabeau nos fita, a Carybé e a mim postados diante dele a dizer tolices, a recordar Raquel Puccio e outras portenhas, fantasmas do passado, a repetir quem somos para ver se nos reconhece e se de novo nos reunimos a conversar e a rir, será que nos enxerga? De pronto sorri como se nos identificasse, mas permanece mudo e logo volta a ensimesmar-se.

Carybé escreve-me da Bahia: “Mirabeau vivo e no além”. Perseguido pela morte, busco escapar, perdê-la na distância — tão difícil.

Milão, 1949.

IL PIU NOTO

DIANTE DA VITRINE DE UMA LIVRARIA, NA GRANDE GALERIA NO CENTRO de Milão, Zélia, alvoroçada, aponta para um livro: “Olhe!”. Vejo um exemplar da edição de *Terras do sem-fim*,¹ meu primeiro livro traduzido em italiano, a capa atraente reproduz cerâmica de Picasso.

— Veja o cartaz! — Zélia, assanhadíssima.

O cartaz não é propriamente um cartaz, apenas um cartão retangular ao pé do volume, informando sobre o autor: “*Il piu noto scrittore brasiliano*”. Zélia lê em voz alta, repete: “*Il piu noto*”. Vamos adiante, repletos.

Logo adiante, outra livraria, paramos em frente à vitrine em busca de *Terras*. Em vez, deparamos com a tradução de um livro de Erico Verissimo, *Olhai os lírios do campo*, se bem me recordo. Ao pé do exemplar um cartaz, ou seja, um retângulo de cartão, a informação sobre o autor: “*Il piu noto scrittore brasiliano*”.

Rimos, Zélia e eu, desinflamos. No quiosque da esquina compro um cartão-postal e os selos competentes e o endereço para Erico em Porto Alegre, conto-lhe o ocorrido: “Durante cinco minutos e vinte metros fui ‘il piu noto’, passei-te a faixa”.

1 *Terre del finemondo*, Bompiani, Milão.

Rio de Janeiro, 1977.

AMOR

O ENFERMEIRO EMPURRA O VEÍCULO (como se chama? não sei) que transporta Glória Machado do quarto da Casa de Saúde Doutor Eiras para a sala de cirurgia onde Paulo Niemeyer vai operá-la do cérebro. Glória se despede do marido Alfredo, dos filhos, de Zélia e de mim que viemos visitá-la, sendo cardíaca teme não voltar.

Tamanho homem, tão seguro de si, inabalável, inflexível, empedernido, Alfredo Machado¹ se entrega, chora que nem uma criança.

São Paulo, 1945.

O DESAFIO

QUANDO, DURANTE O PRIMEIRO CONGRESSO DE Escritores Brasileiros, reunido em São Paulo nos inícios de 1945, me apaixonei por Zélia, comuniquei ao poeta Paulo Mendes de Almeida, meu amigo e amigo dela, apontando-a entre as muitas senhoras e moças que acorriam às sessões, umas poucas para acompanhar os debates, a maioria para namorar:

— Aquela ali vai ser minha mulher.

Paulo riu na minha cara:

— Aquela qual? Zélia? Jamais, não é mulher para teu bico. Mulher honesta, meu velho, não é dessas que andam por aí dando a uns e a outros, essas que você...

Naquele tempo, solteiro após ter-me separado de Matilde,² eu rosetava de leito em leito: mulheres em abundância, tantas, eu quase não dava abasto, sobravam da agenda em grande parte ocupada pela atividade política. Tendo brigado comigo, Oswald de Andrade, de súbito pudico, me intitulou de “Rasputin da Linha Justa” na primeira página de um cotidiano paulista. “Linha Justa”, referência ao discutido projeto de restauração democrática do Partido Comunista que passava pelo apoio a Getúlio Vargas, Rasputin nem tanto, exagero de Oswald: eu apenas descansava das lides políticas no regaço de casadas e solteiras (Maria Quatrocetona chegou donzela) mas, ao conhecer Zélia, arriei bandeira e pedi paz.

— Não é o que você está pensando, Paulo. Falo de vivermos juntos, dela ser minha companheira, esposa se você faz questão da palavra.

1 Alfredo da Cruz Machado, editor.

2 Matilde Garcia Rosa, primeira mulher de Jorge Amado.

— Zélia? Você está maluco? Conheço Zélia, você não a conhece. Mulher direita está ali, não há duas. Não perca seu tempo, desista.

Coisa parecida me disse o pintor Clóvis Graciano, também amigo meu e dela:

— Zélia? Ela é casada e séria, você não sabe? Nem pense, tire da cabeça.

Não desisti, não tirei da cabeça, estava me roendo de paixão, fiz o que o diabo duvida, não deu outra, em julho Zélia veio morar comigo. Não vai durar seis meses, agouraram, dura até hoje.

São Paulo, 1945.

FOFOCA

FORAM DIZER A DONA ANGELINA, MÃE DE ZÉLIA, que a filha dela tinha largado o marido para ir viver com o escritor Monteiro Lobato. Dona Angelina, coitada, endoidou.

Bahia, outubro de 1989.

CAMPANHA ELEITORAL

SENTADO NA VELHÍSSIMA (E ARRUINADA) CADEIRA DO PAPAI, tão feia quanto cômoda, acompanho na televisão o desenrolar da campanha eleitoral, ouço os diversos candidatos à Presidência da República e seus sequazes. Espio com um olho só, o direito, estou caolho: a pálpebra esquerda tombou há duas semanas em Moscou, tanto o meu coração se confrangeu com a situação do Império e dos povos soviéticos — não havia pão nas padarias e meus amigos, importantes dignitários ou gente simples, previam hipóteses sinistras, guerra civil ou golpe de Estado com a volta da repressão — sucedera na China —, o retorno ao obscurantismo. Conversas inimagináveis ainda há um ano, quando eu ali estivera na comitiva de Sarney e encontrara ainda uns restos de esperança e de entusiasmo, apesar das dificuldades econômicas.

Vejo com um olho só, mas escuto com os dois ouvidos e não quero acreditar no que ouço, tão asquerosa e virulenta é a baixaria na disputa dos votos, tão pobres, indigentes, os discursos dos candidatos, todos eles. O melhorzinho, por evitar a demagogia e os insultos, ainda é — quem o diria! — o do candidato do Partido Comunista Brasileiro, o jovem deputado Roberto Freire, ao menos propõe uma reflexão sobre o Brasil. Não chegará a lugar nenhum, se bem obtenha certo sucesso de

estima — terá votação pequena, não tanto por ser comunista, sobretudo por ter se declarado ateu.

Atento, acompanho nos vídeos a trajetória de Lula, candidato do poderoso Partido dos Trabalhadores, cuja fundação durante o regime militar tanto me alvorçou. Não conheço Lula pessoalmente, dele falam-me bem e acredito. Parece-me homem direito, hoje coisa rara, sua atuação de dirigente sindical nas greves dos metalúrgicos, durante a ditadura, foi exemplar. O alarmante sectarismo de seu discurso eleitoral, ao que tudo indica, não é inerente à sua personalidade, decorre da própria campanha, influência talvez dos ideólogos do pcdob que a dirigem e orientam. Discurso de um atraso pasmoso, como é possível imaginá-lo diante dos acontecimentos do Leste Europeu, ao fim de uma época, quando ruem teorias e Estados, se desmorona o socialismo real, se assiste ao funeral da ditadura do proletariado? Discurso classista, aponta exatamente para a ditadura do proletariado: tão antigo e superado, dá pena.

Chamo a atenção de Zélia para o fato de que jamais, no decorrer dos dois programas diários de propaganda eleitoral, em nenhum momento o candidato do PT pronunciou a palavra povo, nem ao povo se dirigiu. Fala em nome da classe operária e a ela se dirige, amanhã no poder será a ditadura em nome dos trabalhadores, em nome do socialismo. Zélia não se altera, mantém íntegro seu entusiasmo cívico, trauteia, em resposta, o belo jingle de Chico Buarque: “Lula-lá”. Eu lhe digo, para atazaná-la:

— O discurso de Lula parece escrito em Tirana pela viúva de Enver Hoxha.¹

Dou-me conta de que estou dizendo a pura verdade.

Do ponto de vista do autor, as boas traduções de seus livros são aquelas que ele não pode ler, em meu caso a imensa maioria. Negação que sou para línguas, a começar pelo português — escrevo em baianês, língua decente, afro-latina — só posso ler em francês e em espanhol, em italiano com dificuldade, dicionário à mão, e acabou-se o que era doce.

Quando se pode ler a tradução, por melhor que seja o tradutor — tenho tido excelentes, capazes, devotados —, existe sempre o detalhe, por vezes mínimo, que choca, agride, dói: onde foi parar a marca sutil do personagem, o ângulo de visão do acontecido, as nuances da emoção, o peso exato de uma palavra? Imagine-se a dor no coração ao ver xoxota ou xibiu, doces designa-

¹ Hoxha, ditador albanês de 1945 a 1985.

ções da boca do mundo, traduzidas por “sexo de mulher” ou “vulva”, bunda virando “nalgas”. “Nalgas”, uma bunda de mulata que se preza? Jamais!

As traduções em chinês que beleza! Não por acaso a arte maior da China é a escrita dos ideogramas. Em árabe, tirante o fato de jamais ter recebido uma drama, um dinar de direitos autorais — ainda há dois meses comprei nas livrarias de Tânger cinco livros meus vertidos para o árabe, edições libanesas e piratas, as cinco — também me encham as medidas. O mesmo digo daquelas impressas em caracteres hebreus, em letras georgianas, gregas ou armênias, signos japoneses, o alfabeto cirílico também serve. Mesmo compostas em alfabeto latino, as traduções são ótimas, nada a criticar, quando em vietnamita, em norueguês, em turco, em islandês, só me dão alegria, mesmo quando não me dão direitos autorais. Tenho livros em línguas estranhas, do coreano ao turcomeno, do tailandês ao macedônio, do albanês ao persa e ao mongol. Outro dia recebi do Paraguai exemplar da tradução em guarani da história do Gato malhado e da Andorinha Sinhá, o título me encanta: Karai Mbarakaja, que quererá dizer? Rio sozinho, ufano, mas as plumas da vaidade não tardam em cair ao dar-me conta que com certeza sou melhor escritor em guarani do que em português.

Rio de Janeiro, 1957.

LE CONNAISSEUR

EM VIAS DE SEPARAR-SE, O CASAL RECONCILIA-SE PARA, a meu pedido, hospedar Pablo Neruda, honra insigne. Desejo proporcionar ao poeta tudo a que tem direito nessa visita ao Rio, acompanhado de Matilde, sua nova esposa. Mobilizo amigos e admiradores: admiradores numerosos, fanáticos, acorrem à redação do *Paratodos*. Puxando a fila Neném Lampreia que ali e então conheceu Moacir Werneck de Castro: mútua paixão devoradora, imperativa.

O apartamento, mistura de conforto e de bom gosto, em Ipanema, Matilde deslumbrou-se com a praia, o casal, uma simpatia. A esposa loira e lânguida, malfalada, em geral em estado de semiembriaguês quando não total, ardente devoradora de homens: foi rica herdeira de nobres latifundiários, cafezais sem fim, está pobre de marré marré. O marido, bom moço, corno manso e prazenteiro, ao casar-se dera o golpe do baú, esvaziou o baú com competência e chifres. Pablo, hóspede habitual — viajante sem pouso, bardo sem verba de hotel — encontrou na extensa romaria pelo mundo acolhimento e mimo em castelos e mansões de estadistas e de milionários, mordomias principescas, nenhuma mais calorosa e cordial do que a do jovem casal do Rio de Janeiro.

Andavam a doidivas e o marido em maré baixa, dinheiro escasso, gastaram o que tinham e o que não tinham, pediram emprestado para abastecer a adega com os vinhos chilenos da predileção de Pablo, para fornecer a dispensa com acepipes refinados, caviar, patês, trufas, salmão defumado, carestias para o paladar fino do poeta. Pablo encantadíssimo com os hospedeiros e a hospedagem: “Preciosos, compadre!”.

Conversa vai, conversa vem, Pablo ficou sabendo que a dona da casa possuía em comum com os irmãos o que sobrara do latifúndio herdado com a morte dos pais: resto de terra improdutiva, capoeira brava, permanecia de pé a casa-grande de arquitetura colonial, merecedora de tombamento pelo Patrimônio Histórico e Artístico, coisa de ver-se e de gozar-se, Neruda mostrou-se interessado em ver e em gozar, o casal decidiu promover um fim de semana nas ruínas da fazenda. Em nosso automóvel não cabíamos todos, convocou-se matrimônio amigo, dono de um Mercedes. Lá fomos nós, Zélia e eu, na comitiva, éramos oito contando com os donos da casa: o dinheiro pouco não lhes permitira número maior de convidados, Pablo sugerira Vinicius de Moraes, não deu. A loira e o marido reuniram o que restava de vinho chileno, de patê, de salmão defumado — o caviar e as trufas já tinham se acabado —, juntaram as sobras, rumamos para a serra, a propriedade situava-se a alguns quilômetros de Miguel Pereira.

Casa patriarcal de senhores de escravos, pomar em decadência, patos e galinhas ciscando nos destroços da senzala, a tranquilidade, a paz, o ócio, eis-nos parados no tempo, nos dias de ontem, doce fim de semana regado a vinho andino das melhores safras.

O vinho chileno e o refinado de-comer terminaram exatamente no jantar de domingo, na mesma noite devíamos regressar ao Rio. Devíamos mas não regressamos, pois Pablo, regalado, decidiu permanecer ao menos mais dois dias na fazenda: “*Nos quedaremos hasta el miercolis*”, decretou. A dona da casa, um pouco ébria como sempre, aplaudiu a decisão com entusiasmo, para comemorá-la esvaziou a última garrafa do tinto chileno, “*un terciopelo*” na poética classificação do hóspede famoso.

O marido pôs as mãos na cabeça. “Que fazer?” No vão de uma janela aberta sobre a noite desabafou comigo, sentia-se humilhado. Alimentar os convidados não era problema de monta, sacrificariam uns patos, umas galinhas, o criador, irmão da dona da casa, que se danasse. O vinho chileno, porém, não havia onde obtê-lo e se houvesse cadê dinheiro para pagá-lo? Tamanho desespero me afetou, entrei em cena: não se aflija pelo vinho.

Segunda-feira cedo, os convidados ainda dormiam, recolhemos, ele e eu,

as garrafas vazias, de brancos e de tintos, os chilenos mais nobres e mais caros, enchemos um saco, metemos no carro e lá fomos, o marido e eu, para Miguel Pereira. Num armazém de secos e molhados adquiri — fiz questão de pagar, não era muito dinheiro — vinhos nacionais de marcas mais ou menos semelhantes, com a ajuda do balconista ali mesmo baldeamos os nacionais para as garrafas vazias dos chilenos, arrolhamos bem arrolhadas, de volta à casa-grande os brancos postos a gelar no refrigerador, os tintos à vista na garrafeira.

Pouco afeito aos vinhos rio-grandenses, naquele então muito deixavam a desejar, declarei-me indisposto da barriga, absteve-me. Garrafa por garrafa, o vinho foi bebido todo ele, entre exclamações patrióticas do poeta ao degustá-lo — “não há vinho que se compare ao chileno, o francês tem mais fama, mas não é o melhor” —, discursava Pablo, *connaisseur*. Acompanhado pela dona da casa no copo e nas exclamações, nos elogios à *vendange* andina: tirante o uísque, ela não era *connaisseuse*.

Pequim, 1987.

SINGULARIDADE

EM PEQUIM, FAN WEIXIN, TRADUTOR para o chinês de livros de língua portuguesa, de brasileiros traduziu José de Alencar e Herberto Salles, traz-me exemplar de tradução de *Dona Flor e seus dois maridos*, edição modesta porém decente, Fan está contente com a repercussão do romance da moça baiana.

Folheio o volume, relembro cenas de amor, dona Flor e Vadinho, os dois na cama, a rosa-chá e a pimenta malagueta, desconfiado pergunto a Fan Weixin:

— Como traduziste as patifarias de Vadinho?

Os lábios do tradutor abrem-se num sorriso malandro, quase brasileiro:

— Ao pé da letra.

No fim desse mesmo ano hospedamos na casa do Rio Vermelho um jovem casal de amigos chineses. Ele é Ho-Ping, filho de Eva e Emi Siao (Siao Sam), Eva fotógrafa alemã, Emi um dos poetas mais famosos da China, foi íntimo amigo de Maiakóvski, deputado, biógrafo de Mao, durante vários anos representante da China no secretariado do Conselho Mundial da Paz, na Tchecoslováquia. Ho-Ping, dito Pupsik, nasceu em Praga, alguns meses antes de Paloma: pais bobocas, inventávamos no Castelo dos Escritores¹ fu-

1 Castelo de Dobris, perto de Praga, onde Jorge Amado viveu com a família entre 1950 e 1952.

turo noivado entre os dois infantes. Eva e Emi regressaram à China, gramaram dezesseis anos de prisão durante a mal denominada Revolução Cultural, Emi saiu da cadeia muito enfermo, logo faleceu.

Ela é Ting-Li, esposa de Ho-Ping, filha de Liu Chao Shi, que foi presidente da República Popular da China, secretário-geral do Partido Comunista, liquidado politicamente e assassinado durante os anos infelizes do domínio da Bando dos Quatro — os assassinos inventaram que Liu Chao Shi morrera num desastre de avião.

Jovem casal encantador, trocam pernas nas ruas da Bahia, adoram a cidade, o casario, a culinária, os mercados, o povo alegre e cordial. Nos intervalos dos passeios, no jardim da casa do Rio Vermelho, Ting-Li lê *Dona Flor e seus dois maridos* em chinês e em inglês. Pergunto-lhe o que acha das duas traduções. Pensa um pouco, responde:

— Ambas são boas, gostei das duas. Em inglês a história é mais picante, em chinês é mais romântica. Para você ter uma ideia da singularidade de cada uma: em chinês dona Flor chama Vadinho de volta com o coração, em inglês ela o chama com aquilo que tem debaixo das calcinhas.

— E como se diz em chinês aquilo que ela tem debaixo das calcinhas?

Ting-Li sorri, encabulada, pronuncia uma palavra, soou-me linda, um trino de pássaro, me esqueci, que pena.

Bahia, 1988.

OS SAPOS

O SAPO ENORME, DE CERÂMICA, ABANDONADO NO jardim da casa de Carybé, exposto à chuva, coberto de limo. Os donos da casa não estão, não posso perder a viagem, grito por Aurélio,¹ transportamos o sapo para o carro. Aurélio chama minha atenção para detalhe precioso: o grande sapo carrega nas costas um filhote pequenino, lindo.

Colocado no parapeito do janelão da sala de jantar, sobre os azulejos de Carybé, as armas de Oxóssi e as de Oxum, o sapão assumiu a presidência da confraria de sapos que se espalha nos jardins, sob a piscina, ao lado da varanda, em cima dos móveis, nas estantes, em todas as partes da casa, pois o sapo é o meu bicho. Sapos de todos os feitios, esculpidos nas matérias mais diversas — cerâmica, pedra-sabão, papel machê, ferro, acrílico, vindos dos quatro cantos do mundo: do México, da Tailândia, da Inglaterra, do Peru, de Ouro

¹ Aurélio Sodré, motorista de Jorge Amado.

Preto, do Camboja, de Portugal, da China e por aí vai. Até hoje Carybé não se deu conta do roubo, espero que jamais o descubra.

Logo que viemos morar na Bahia, durante meses e meses um sapo-cururu habitou no jardim, numa espécie de tanque ali existente. Também ele enorme, quase do tamanho do que roubei de Carybé, desmedido. Só que o de Carybé é de barro, o nosso era vivo e nos dias de muita chuva abrigava-se na varanda onde cantava sua alegria de viver.

Carybé morria de inveja de nosso sapo-cururu, a cobiça transparecia-lhe no rosto ao ver Zélia coçar as costas do bicho que inflava de contentamento. Zélia gravou-lhe o coaxar poderoso num pequeno aparelho portátil que levamos escondido à casa de Carybé em dia de chuva. Conversávamos no atelier, Nancy servia gostosuras, bebíamos um trago, Zélia achou maneira de colocar o gravador em funcionamento no interior da bolsa semiaberta, o canto do sapo-cururu ressoou, os olhos de Carybé se iluminaram:

— Tão ouvindo? Tem um cururu vivendo no jardim...

Precipitou-se escada abaixo, sob a chuva, até hoje procura seu sapo-cururu.

Rio, Paris, 1991.

A ESTÁTUA

UTILIZO PELA PRIMEIRA VEZ O DIREITO QUE me cabe, na qualidade de premiado, de indicar candidato ao Prêmio Internacional Lênin, indico o nome do compositor (e escritor) Chico Buarque de Holanda.

Do Rio, de onde me dirijo ao júri, escrevo a Chico que está em Paris comunicando-lhe ter levado seu nome à consideração dos jurados do prêmio Lênin. Quais serão esses juízes, quem o presidente? Não tenho a mais mínima ideia. Naquele tempo antigo, presidia o júri o presidente da Academia de Ciências da União Soviética, os vice-presidentes eram o sábio chinês Kuo Mo-jo e o poeta francês Louis Aragon, dele faziam parte, entre outros, Anna Seghers, Ilya Ehrenburg, Pablo Neruda, Aleksandr Fadéiev, hoje todos mortos. Membro do Comitê Central do PCUS [Partido Comunista da União Soviética], Fadéiev era o mandachuva.

Ao chegar a Paris encontro na secretária eletrônica recado de Chico, pergunta-me como se chamará o prêmio Lênin em dezembro, data em que deve ser concedido: “Prêmio Petrogrado, prêmio São Petersburgo?”.

Acabo de ver, na televisão, a estátua de Lênin sendo derrubada do pedestal, em Vilna, na Lituânia. Em Moscou passaram-lhe a corda no pes-

coço, não a derrubaram porque o buldôzer não chegou a tempo, a estátua é enorme, pesada demais para mãos nuas, mesmo raivosas. Leningrado voltou a ser São Petersburgo, creio que não mais haverá prêmio coisíssima nenhuma: a outrora imensa consagração que começou sendo prêmio Stálin que eu e Oscar Niemeyer recebemos... quando? No século passado? Nem prêmio Lênin, tampouco prêmio São Petersburgo, cheguei atrasado pois o comboio da História some na distância em velocidade maior que a da luz. Com a corda no pescoço, vacilo sob o peso da estátua em meu cangote, digo a Zélia:

— O prêmio do Chico foi para a cucuia.

São Paulo, 1945.

CONGRESSO DE ESCRITORES

O PRIMEIRO CONGRESSO DE ESCRITORES BRASILEIROS, CONVOCADO pela recém-formada Associação Brasileira de Escritores (ABDE), reunido no Teatro Municipal de São Paulo, ultrapassou de muito os limites de festivo convescote literário para ganhar foros de acontecimento histórico, marco na luta contra a ditadura do Estado Novo ainda no poder mas já abalada nos seus fundamentos pelas derrotas militares de Hitler.

Fui despachado da Bahia para São Paulo pelo pecê com a tarefa de colaborar na organização do conclave, tentar impor-lhe a linha política dos comunistas. A chamada “linha justa” daqueles que estavam de acordo com a direção partidária saída do Congresso da Mantiqueira, pois muitos dela discordavam e só vieram acolher-se ao redil quando receberam ordens expressas de Prestes, ainda preso mas já mandando e desmandando.

Presidi a delegação da seção baiana da ABDE (Homero Pires, Odorico Tavares, Dias da Costa, Alberto Passos Guimarães, James Amado, Edison Carneiro, Jacinta Passos, Vasconcelos Maia, entre outros) e fui um dos vice-presidentes do Congresso. O presidente foi o contista Aníbal Machado, escritor respeitado e bem-visto, considerado equidistante das duas correntes maiores que se debateram no plenário e nos bastidores: a democrática e a comunista.

Da primeira, constituída por liberais, democratas cristãos e sociais-democratas, pode-se dizer ter sido o germe da UDN, partido político de atuação posterior bastante dúbia, e da Esquerda Democrática (depois Partido Socialista). Apoiada por comunistas não alinhados (Caio Prado Júnior, Mário Schenberg que, aliás, não tardaram a se alinhar), obedecia à batuta de

Carlos Lacerda. Carlos romperá com o pecê em 1942, iniciava o percurso político que o levaria, em tempo relativamente curto, ao governo do estado da Guanabara e à chefia civil do golpe militar de 1964. A segunda reunia os comunistas ortodoxos, menos numerosos, porém ativos, atuantes. Entre eles Dionélio Machado, Dalcídio Jurandir, Moacir Werneck de Castro, Barão de Itararé (Aparício Torelly), Raul Riff, Alina Paim. Membro do Bureau Político do Partido, Pedro Pomar deslocara-se para São Paulo com o fim de nos orientar, impedir vacilações e desvios. Eu mantinha contato diário com ele em encontros clandestinos nos quais lhe transmitia informações e ele me dava diretrizes, ditava ordens.

Levadas pela habilidade e pela cortesia de Aníbal Machado, as duas correntes chegaram a um acordo para a redação do documento final, a declaração solene dos escritores brasileiros. Pela primeira vez, no manifesto resultante do Congresso, condenou-se a ditadura do Estado Novo sem no entanto mencionar a pessoa do ditador, Getúlio Vargas, na ocasião nosso aliado, dos comunistas. Na sessão de encerramento, Oswald de Andrade, furando o acordo estabelecido sobre número e nomes dos oradores, tomou da palavra e propôs a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes para a Presidência da República, foi o delírio.

Fora das sessões plenárias e das comissões era a festa e que festa! Ininterrupta, delirante, as rédeas soltas. Coquetéis — recordo animadíssimo coquetel em casa de Nelson Palma Travassos, cronista bem-humorado, dono da Empresa Gráfica de Revista dos Tribunais, anfitrião rico e amável, onde reparei em Zélia pela primeira vez —, festinhas, danças improvisadas, bate-coxas animados, comilanças, beberanças e, acima de tudo, a boa fofilhação: como se fodeu nesse Congresso, inimaginável! Vinicius de Moraes, galã de cinema, ia de mão em mão, melhor dito de xoxota em xoxota. Tampouco posso me queixar.

Rio de Janeiro, 1947.

DÚVIDA

DATAS, QUEM AS RECORDA? Sou ruim de datas, não me canso de dizer. Cada um dos apontamentos que venho redigindo significa pergunta aos familiares: lembram-se desse fato? Lembram-se de todos, se bem cada qual o rememore à sua maneira. Em que data se passou? Ninguém sabe dizer com precisão e se escuto de alguém afirmação peremptória é quase certo que comete erro.

No caso do livro de memórias de Nicolás Guillén, o poeta confundiu data e local, esqueceu fatos e detalhes, pois escreve que nos conhecemos na Paris de 1949, quando nosso primeiro encontro se deu no Rio de Janeiro em 1947. Não se lembrou do recital de poemas na ABI, eu o apresentei ao público, exatamente no dia e na hora em que João Jorge nascia. Foi de Nicolás a primeira visita que a recém-parida Zélia recebeu no hospital em Copacabana. Dito o último poema, “*mi pátria es dulce por fuera y muy amarga por dentro*”, cessadas as palmas do auditório, atirei-me num táxi, na pressa de ver mulher e filho, Nicolás me acompanhou.

O poeta cubano esteve no Brasil diversas vezes, antes e depois da revolução fidelista, presença sempre marcante, irradiava simpatia. Sua poesia, de acento negro e contestatário, *Canción de cuña para despertar un negrito*, conquistara vasta audiência brasileira, e o mulato risonho, de melenas cuidadas, bom de galanteio, conquistava corações femininos. Maria Ninfo-maniaca o recomendava às amigas idem-idem: “Não percam, um fodão!”. A propaganda sendo a base do negócio, a freguesia aumentava, Nicolás sempre bem acompanhado. De natural vaidoso, considerava cada aventura, mesmo breve, um caso de amor:

— Maria dos Anzóis Carapuça está apaixonada por mim, compadre. Desesperadamente! — Habitado, considerava o fato normal, mas uma dúvida o perturbava. — Será que ela me ama, a mim, o homem, Nicolás, ou será que se entrega devido aos poemas de Guillén? Que pensas, compadre? — Dúvida atroz, exigia a verdade: a verdade, compadre, diga-me!

Minha resposta foi sempre idêntica, no Rio, em Paris, em Praga, em Moscou, em Havana, praças onde o vi às voltas com loiras loiríssimas, as preferidas se bem não exclusivas: Rosa é mulata, das Antilhas, “Rosa, tu melancólica...”, seu amor da vida inteira:

— Apaixonada por ti e por teus poemas, compadre, ama o homem e o poeta, os dois num só, Nicolás Guillén.

Nicolás sorria em concordância, passava o pente nas melenas, contente da vida, não era outra sua opinião. Mas em seguida nova dúvida se impunha, a consumi-lo:

— E se os poemas não existissem, tu pensas, compadre, que ela me amaria? Sem os poemas, ainda assim, me amaria?